

HOJE PLANTOU-SE UM MILAGRE

Brida

Hoje plantou-se um milagre

no vale, até então, sem vida

não fosse a humana lida,

por bela e intensa fosse

e seja e é.

Na azáfama de um dia grave

e cruel e desafortunado

pelas horas imensas

da ausência de qualquer

mínima possibilidade

de construção,

o Arquiteto, corpo vazio

acorda

com um tropel incomensurável

Um Engenheiro é chegado,

juveníssimo e belo,

e examina seu projeto,

com avidez espantosa.

Logo, vê o Construtor

a percorrer os jardins internos

do vale.

Soberbo e inteiro,

extasia-se com os planos

do Arquiteto

e o adora, de joelhos.

Abre os folhos um a um,

suas mãos tremem

seus olhos se fecham

sua boca infantil se entreabre,

em ofego e espasmo.

Aproxima mais o rosto

daquela imagem que já venera,

e, então, se transfigura.

Bicho,

rosna, morde, arranha,

empurra com a cabeça,

novilhinho recém-nascido

mamando como louco

nas tetas da vaca sagrada

que abre todo o compasso

e deixa ele fazer o resto,

mugindo suave.

Ele empurra a vaca para o pasto

e alça suas ancas com cordas,

amarra-as nas traves do curral

mantendo-as à altura de seu rosto

e começa um ritual de fases múltiplas,

seja com mãos, seja com boca.

seja com variados objetos -

todos trazidos em sua bagagem,

preciosos, escolhidos a dedo,

cada qual com sua função

e cada qual mais especializado.

Trata-se mesmo de um perito.

E a vaca muge alto, então,
muge, muge, muge, muge!
Muge por muito tempo,
até que se revira nas cordas
e baba a baba santa,
fertilizando o solo.
Seu ventre espástico
busca o sossego,
anseia pela luz plena,
todo o corpo a tremer
durante um tempo desmedido.

Depois, o Arquiteto entende.

Ele é agora uma mulher e uma vaca.

São tarefas do tempo no templo
do corpo, as oferendas,

esse esplendor do desejo e da entrega.

Há-de ter toda a coragem,
abaixar a cabeça até o chão,
lamber o pó dos pés do macho,
rastejar para que ele a esmague,
muito, com ambos os pés,
de costas e de frente,
e a esprema muito, com as mãos.

Mas há-de haver prazer
nesse esmagamento, a mulher
terá de sentir muitas dores,
mas de gozar muito com elas.
Gozar como louca, enlouquecer
de tanto gozo.
Loucura santa, loucura imortal.

E isso é responsabilidade
de seu macho.

Pois houve a Queda,
e a Serpente, e foi Eva
a primeira a oferecer o fruto
ao desprevenido Adão no Paraíso.
(depois viria a Imaculada, esmagar
a Fera e redimir a mulher reptilizada).

E há o tempo e a história
a ser cumprida, antes da Revelação.
Pois mesmo Abraão,
o Pai, o líder de muitos,
da linhagem de Sem,
marido de Sarah
não ofereceu o próprio filho

de coito febril,

aos noventa e nove anos,

em holocausto?

Isaac levava a lenha

sobre a qual seria

morto e queimado.

“Eis o fogo e a lenha

onde está o cordeiro

para o holocausto, Pai?”.

“Deus proverá para si, meu filho,

o cordeiro para o holocausto.”.

Viria o outro, o Filho de Deus,

O nosso irmão e pai e amigo e filho

E esposo e salvador e redentor

E Caminho e Verdade e Vida,

Jesus, o Cristo.

Ruth, avó de David,

vestida de branco,

untada de óleos oloríficos,

com os longos cabelos

nora de Noemi de Belém,

uma estrangeira,

a penetrar em território inimigo

se deitou com Booz,

teve uma noite a que poucas,

muito poucas prostitutas se sujeitariam,

de tão sórdida e devassa -

para salvar seu povo.

Há-de se manter a leitura apropriada

da construção harmoniosa

da intriga com um todo:

o seu suspense rumo ao epílogo infinito.

As matriarcas do Gênesis

eram vacas fecundas,

deixam-se coitar continuamente

tudo faziam pelo desejo dos seus homens

e gargalhavam nas ruas como loucas,

as saias levantadas, sempre,

para encontrar o êxtase pleno

da alma, da face rutilante de Deus.

O arquiteto sabia.

Então,

faz o Construtor deitar-se.

O menino está transtornado,

parece exausto,

Beijando a sua fronte,

O Arquiteto

continua o trabalho sozinho,

com dedicação nunca vista,

mãos sedosas e certeiras.

Enfia a cabeça na bifurcação

que leva à viga mestra

com seus dois gonzo.

Molha-os completamente

com sua própria saliva.

Afasta com a mão a película

que recobre a viga.

Desce-a até o possível.

Mira-a e a suga, enquanto

com a mão dobra e desdobra

desdobra e dobra o que pode

o que pede e o que pode,

o que já pede o Construtor,

já descansado

em andamento lento, logo

andantino, logo moderato.

Cada vez mais Ele comanda

a obra. Arrogantemente.

Mais rápido, cada vez mais,

afinal, aos berros,

se mexendo muito, muito mesmo,

batendo com o malho na cara do Arquiteto

que sorri pega a viga mestra de novo,

na labuta, escaliçando os resíduos

furiosamente, agora,

porque assim o pede o Engenheiro,
pensando nas sinfonias e nos maestros
que abriga dentro do seu peito,

no eito, no leito, no tapete,
no chão, na janela, na parede,
na porta,

e o Arquiteto abocanha os gonzo
para lubrificá-los bem, enche a boca,
e retirando-os, passa a língua
na parte inferior e a leva até mais longe,
mais longe, mais longe, até cair em um buraco
profundo onde a língua se retorce
e o Engenheiro grita:
mais! mais! mais! Mais!

(Como ele grita alto e se mexe!).

Se remexe tanto

que derruba o Arquiteto

no chão e voa em cima dele,

se esfregando como louco

em todo o corpo

e atingindo a cara,

onde faz verdadeiro carnaval

não só se esfregando,

mas pulando, batendo,

em mexeção acelerada

para um lado e para o outro,

para frente e para trás,

girando como um liquidificador

(que velocidade impressionante aquela!)

tomando como centro

o nariz do Arquiteto,
pernas enrodilhadas
em volta do rosto e pescoço,
de modo a não permitir
que o Arquiteto escapasse
(coisa de criancinha boba,
o Arquiteto se comprazia
com toda aquela mexeção).

E a mão do Arquiteto
não interrompe
sua incessante lida,
usando a mão para fazer
muitas outras coisas:
ou lixa a viga
em todas as direções, levando
a película protetora até a ponta

ou mete o dedo na cova e o agita bem
ou sobe ambas as mãos molhadas de saliva
até os mamilos e os torce e retorce
ao sabor das ordens do Engenheiro
ou atinge a boca e ali enfia a mão
que o engenheiro chupa e mordisca
com um ruído de tapa em passos
em lama fresca e solta
ou vai até as orelhas e mete os dedos
agitando-os nos orifícios úmidos de suor
ou, com as unhas percorrer o tronco
em todas as direções, frente e dorso
e muito, muito mais,
enquanto o Engenheiro ainda ordena:
mais, mais, mais, mais!

Então, percebe outro desejo

do Engenheiro e pára.

E o Engenheiro se põe de pé.

E dá a viga para o Arquiteto lixar
com a boca, mas o empurra no chão,
de joelhos.

E, ali, dentro da sua boca,

faz uma festa!

Dança, dança, dança,

já quase se modera e cala,

pulsando e gemendo em alegrete

Cada vez mais rápido e a fricção

é tão forte que assa os cantos da boca

do Arquiteto,

que se queixa um pouquinho.

Aos urros, o Engenheiro retira a viga,

e com um riso de deleite libertino,
com um sorriso herege, saduceu,
escandaliza a fé do Arquiteto –

cuja crença nos anjos não se abala,
nem na ressurreição dos mortos,
nem na providência divina,
pois vive, ali,
um ritual de purificação, por isso
tudo inventa e aceita e perpetra e
nisso faz seu “Fiat” –

toma da mangueira e dá um banho
no Arquiteto, tão suado do trabalho,
e o rega dos pés à cabeça,
sacudindo a mangueira com força,
mirando a cara, os cabelos,

o corpo todo do Arquiteto.

Corpo já amanhado

pela bestialidade pura

do Engenheiro

em sua construção.

Não demora muito,

o jovem perito,

fisicocultor

finca a viga mestra

num só arremesso gigante

na estreita cova ardente

de gêiseres insuspeitados,

corpo do Arquiteto

vaca sagrada de pernas

abertas e levantadas até a cabeça.

Ali, ali mesmo,

naquele instante e hora,

o cotidiano se faz

antologia de sussurros,

corrigindo os soçobros

de mãos estrangeiras,

Ali, irrompeu uma florescência

verde, um broto

rico em açúcar,

a polpa invaginada,

a abraçar-se fresca

e virgem de qualquer toque,

sapoti dulcificado ainda mais,

pendendo da fronde

até então elevada,

entre sombras.

O látex do tronco

já se via na rama desbordando,

matéria prima,

e o aroma e o sabor

de jovem prostituta

em primeira noite.

Diz-se, e crê o Arquiteto,

que, crescida, seu porte

surpreende em copa e sombra

e agasalho,

alegria de parques e jardins

para o infinito semeados

além da polpa doce,

além do atrito feroz

do aríete nos ares virgíneos

do Arquiteto,

Orfeu metamórfico sonhando

com outro Orfeu,

seu gêmeo e seu gênio,

o Engenheiro das Horas

submersas no tempo.

no amargurar,

até o instante da visão,

quando o Engenheiro,

sem sua régua de cálculo,

o tomou, comeu todo, degustou

e viu que era bom

e, assim, perpetuou o gesto

ao infinito.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/hoje-plantou-se-um-milagre>